

A MARCHA DO VOLEIBOL MODERNO NAS OLIMPIADAS DE MONTREAL

1.ª PARTE: Considerações Gerais e Aspectos Táticos

Maj. Carlos Reinaldo Pereira Souto — Inst. da EsEFE e técnico da equipe brasileira nos XXI Jogos Olímpicos.

4º COLOCADO — Prêmio Revista de Educação Física

O esporte criado em 1896 por William G. Morgan compareceu à sua quarta Olimpíada, em Montreal-1976, de maneira auspiciosa porque, mais uma vez, deu ao mundo esportivo, pelo êxito alcançado, a prova evidente do acerto e oportunidade de seu ingresso na mais expressiva competição internacional.

O voleibol é, na realidade, um dos mais populares esportes coletivos visto que, hoje, é praticado em todo o mundo, independente de sexo e idade. É ele, no seu aprendizado e na sua prática, ora conceituado como um dos esportes coletivos mais simples e fáceis, ora como um dos mais difíceis de aprender, ou melhor dizendo, um dos esportes mais difíceis de aprender e de praticar bem.

Na realidade ambos os conceitos são admissíveis e válidos. Justifica-se o primeiro: o de ser o voleibol simples e fácil, mostrando-se como um dos exemplos típicos, as belíssimas praias ensolaradas do Brasil onde, em inúmeras quadras improvisadas, seus adeptos e praticantes apresentam um espetáculo digno de ser apreciado. Quanto ao segundo conceito: o de ser um esporte difícil e por vezes também julgado complicado, este artigo tentará mostrar o que na realidade vem acontecendo na evolução do voleibol moderno, quando novas filigranas surgem em face das exigências de novas técnicas e táticas que, dia a dia, crescem nos países onde, com especial carinho, são cultivadas.

Seja porém o ângulo pelo qual se queira visualizar o Voleibol, a verdade é que ele apresenta, tanto para seus praticantes como para seus assistentes, beleza como espetáculo, alegria, como recreação, e valor, como escola de aprimoramento do físico e do moral.

O Brasil não está alheio às evoluções técnicas e táticas e, mais do que nunca — graças ao apoio que o governo vem proporcionando ao desporto amadorista — precisa-se impor ainda mais para manter, no **Voleibol Moderno**, a projeção já alcançada, e conquistar novas e melhores posições que, de há muito,

lhe estão reservadas, nas grandes competições internacionais.

O voleibol masculino do Brasil, desde a inclusão desta modalidade esportiva nas olimpíadas tem, sem interrupção, participado obtendo as seguintes colocações, entre os 10 (dez) concorrentes;

- 1964 — Tóquio — equipe campeã — Rússia; Brasil — 7.º lugar
- 1968 — México — equipe campeã — Rússia; Brasil — 9.º lugar
- 1972 — Munique — equipe campeã — Japão; Brasil 8.º lugar
- 1976 — Montreal — equipe campeã — Polônia; Brasil 7.º lugar.

No setor feminino o Brasil ainda não participou dos jogos olímpicos. As equipes femininas vencedoras foram: 1964-Japão; 1968-Rússia; 1972-Rússia e em 1976-Japão.

O critério de seleção para o comparecimento às Olimpíadas, tem sido de 10 equipes masculinas e 8 femininas. Para a de Montreal, coube às seguintes representações:

- Campeão Olímpico (mas e fem) — Japão e Rússia
- Campeão Mundial (mas e fem) — Polónia e Japão
- Campeão Europeu (mas e fem) — Rússia e Rússia
- Campeão Sul-Americano (mas e fem) — Brasil e Peru
- Campeão Centro-Americano (mas e fem) — Cúba e Cuba
- Campeão Africano (masc) — Egito
- Campeão Asiático (masc e fem) — Japão e Japão
- Torneio de qualificação Olímpica — Masc — Tchecoslováquia e Itália
- Fem — DDR (República Democrática da Alemanha)

Observe-se que a Hungria foi integrada nos jogos femininos por haver sido a vice-campeã europeia ocupando a vaga da Rússia que já tinha a sua assegurada por ter sido Campeã Olímpica em 1972. Da mesma forma, a Coréia do Sul compareceu à Olimpíada por ser vice-Campeã asiática e o Japão já ter vagas asseguradas por ser campeão olímpico em 1972, no masculino e campeão mundial no feminino, em 1974.

ANÁLISE DAS EQUIPES CONCORRENTES NO SETOR MASCULINO

Esperava-se que nesta Olimpíada de 1976 muitas inovações técnicas e táticas fossem apresentadas, impostas por modificações nas regras que, como sempre, viriam em busca do estabelecimento do equilíbrio entre as ações ofensivas e defensivas uma vez que, as primeiras, sempre mantêm supremacia.

O Comitê Olímpico decidiu, porém que tais inovações, somente seriam postas em prática, após a realização dos Jogos Olímpicos. Entre as inovações, figuram:

— Colocação da vara flexível sobre a faixa lateral, ao invés de permanecer nas extremidades da rede e autorização de mais um toque, desde que o primeiro tenha sido o do bloqueio.

Isto, contudo, não impediu que as grandes equipes buscassem, com algumas inovações técnicas e táticas, dificultar as ações de ataque e facilitar as ações de defesa de campo e bloqueios. Mas a dura realidade é que apesar de todos os esforços, as ações ofensivas, no setor masculino, ainda predominaram e empolgaram não só aos participantes como, especialmente, aos assistentes sempre ávidos de jogadas espetaculares. Nas equipes femininas ainda perdura um certo equilíbrio entre as ações ofensivas e defensivas.

Assim, passamos às características e análise das diferentes equipes:

POLÓNIA

1.º lugar — CAMPEÃ OLÍMPICA

RESULTADOS NA OLIMPIADA

- 3 x 0 — Canadá
- 3 x 2 — Tchecoslováquia
- 3 x 2 — Cuba
- 3 x 2 — Coréia
- 3 x 2 — Japão
- 3 x 2 — União Soviética

Talvez, não tenha dado a impressão de ter sido a melhor equipe das Olimpíadas.

das, mas, sem dúvida nenhuma, foi a que soube aliar a garra a uma excepcional e invejável frieza. A experiência de seus jogadores constituiu fator decisivo nos momentos críticos das partidas. A ausência de seu principal astro Gorcniak (Profissionalizado nos Estados Unidos) ocasionou um decréscimo no trabalho de preparação e distribuição das jogadas, mas, a atuação de seus atacantes, principalmente o de n.º 5 (Thomasz), conseguiu superar estas dificuldades.

Assim, a equipe polonesa — sem ser tão brilhante como no campeonato

DADOS INTERESSANTES

Média de idade	26 anos e 3 meses
Média de idade (equipe titular)	26 anos e 5 meses
Média de altura	1 metro e 901 milímetros
Média de altura (equipe titular)	1 metro e 905 milímetros
Média de peso	87,58 Kg
Jogador mais alto-Thomasz (n.º 5)	1,97m
Jogador mais baixo-Gawlowski (n.º 6)	1,80m
Jogador mais velho-Skorek (n.º 4)	33 anos
Jogador mais jovem-Lasro (n.º 3)	20 anos
Jogador mais pesado-Thomasz (n.º 5)	97Kg
Jogador mais leve-Zarzycki (n.º 11)	78 Kg

Jogadas típicas postas em evidência

ARMAÇÃO INICIAL

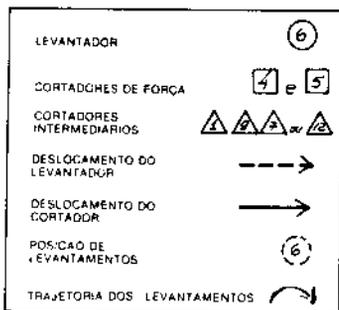


FIG. 1

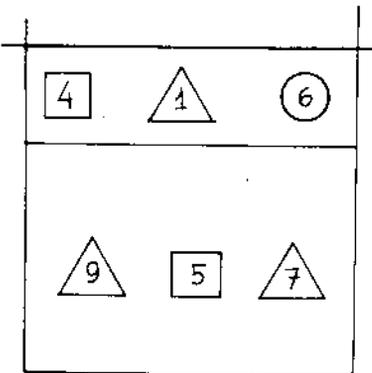


FIG. 1

Curiosamente, na armação inicial a Polônia não dispunha os seus principais cortadores em posições diametralmente opostas, adotava um sistema 5x1, tendo o jogador n.º 6 (Gawlowski) como levantador.

mundial de 1974, no México quando surpreendentemente aplicou a falsa infiltração, como componente de novas fintas — obteve, merecidamente, a medalha de ouro, em Montreal.

RESULTADOS ANTERIORES

- Em 1972 — Olimpiada de Munique — 9º lugar
- Em 1974 — Campeonato Mundial — México — Campeã
- Em 1975 — Campeonato Europeu — Belgrado — Vice-Campeã.

COMBINAÇÕES OFENSIVAS E ARMAÇÕES PARA RECEPÇÃO DO SAQUE. ARMAÇÃO INICIAL

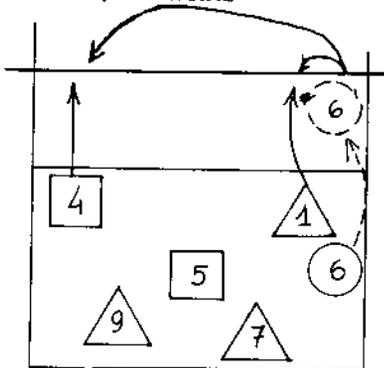


FIG. 2

O levantador efetuava uma falsa infiltração da posição 1; o ataque era feito de um levantamento baixo e curto à frente do levantador ou de um levantamento longo e alto na extremidade da rede (entrada). Nesta situação a recepção era feita basicamente por 5 jogadores.

1º RODÍZIO

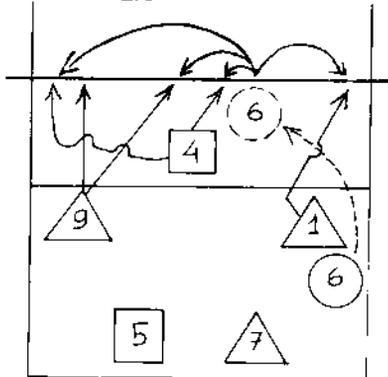


FIG. 3

Nesta posição a equipe recepcionava o saque com 4 jogadores; o de n.º 4 ficava sempre fora da recepção. Os jogadores n.º 4 e 9 modificavam; ora o faziam da entrada da rede ora o faziam no centro da rede. No entanto, quando por qualquer motivo tinham dificuldades em obter a vantagem, o de n.º 4 ia sempre atacar da entrada da rede e o n.º 9, no centro. O n.º 1 atacava uma bola a meia altura na saída da rede; algumas vezes ameaçava fazer uma "dismico" mas não passava da ameaça.

2º RODÍZIO

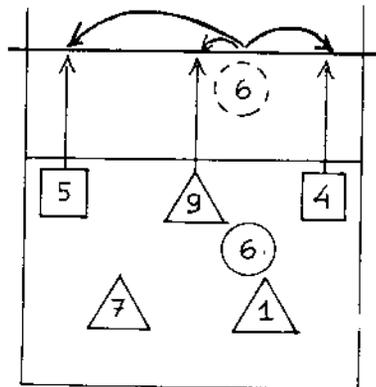


FIG. 4

Nesta posição, a equipe polonesa apresentava um excepcional poderio de ataque. Era também a posição em que o seu bloqueio se tornava mais efetivo. As combinações ofensivas eram simples mas caracterizavam-se pela eficiência.

Nos contra-ataques, nesta posição aplicavam sempre a "dismico".

3º RODÍZIO

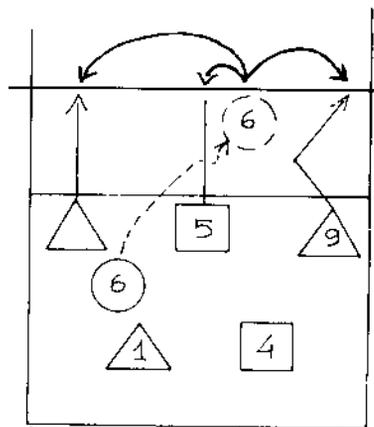


FIG. 5

Recepcionava com 5 jogadores e a infiltração era realizada por dentro. Todos os jogadores atacavam sempre da mesma posição. O n.º 9, na saída da rede, ameaçava a realização da "dismico", sem efetuá-la; nos contra-ataques realizavam frequentemente a "dismico".

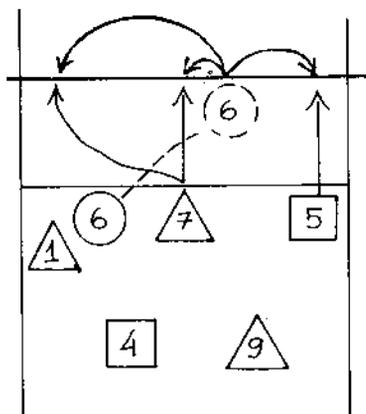


FIG. 6

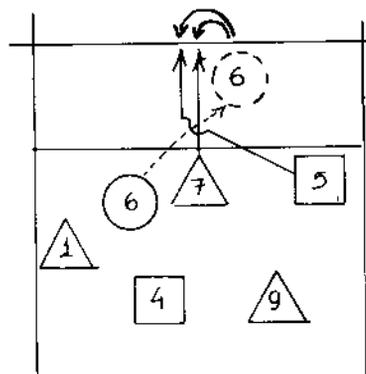


FIG. 6A

Realizavam uma falsa infiltração; o jogador n.º 7, extremamente rápido, atacava ora no centro ora na entrada da rede. Frequentemente, o n.º 7 atacava no centro da rede e o n.º 5 fazia a "dismico".

5º RODÍZIO

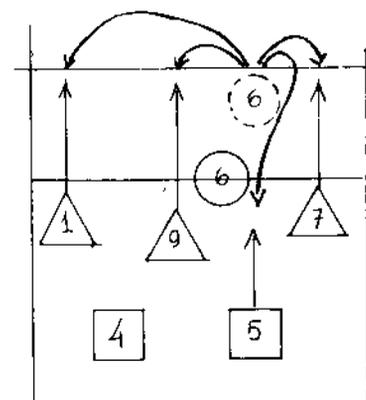


FIG. 7

Era a posição mais deficiente em ataque; para completá-lo, repetidas vezes o jogador n.º 5 foi solicitado a atacar de sua posição de defesa e o fez sempre com rara perfeição e maestria.

RELAÇÃO DOS ATLETAS

Wagner, Hubert	Técnico	Gawlowski, Wieslaw	n.º 6
Weloz, Jerzy	Auxiliar-técnico	Rybaczewski, Miroslaw	n.º 7
Stefanski, Wlodzimi	n.º 1	Lubiejewski, Zbigniew	n.º 8
Bebel, Bronisla	n.º 2	Bosek, Ryszard	n.º 9
Lasko, Lech	n.º 3	Sadalski, Wlodzimi	n.º 10
Skorek, Edward	n.º 4	Zarzycki, Zbigniew	n.º 11
Wojtowicz, Tomasz	n.º 5	Karbarz, Marek	n.º 12

UNIÃO SOVIÉTICA 2º Lugar — VICE-CAMPEÃ OLÍMPICA

RESULTADO NAS OLIMPIADAS

3x0 Itália
3x0 Brasil
3x0 Japão
3x0 Cuba
2x3 Polónia

Destacou-se indiscutivelmente, pelo aprimoramento de seu estado físico-condutor de qualidades como: velocidade, resistência, coordenação motora, habilidade, elasticidade, atenção e rapidez de reflexos.

Contudo, foi superada pela preparação psicológica da Polónia que, em Montreal, deu uma verdadeira lição de como conseguir e manter o equilíbrio emocional.

A URSS deixou porém, a marca da escola posta em prática: o **Voleibol Força**.

RESULTADOS ANTERIORES:

Em 1974 — Campeonato Mundial — México — Vice-Campeã
Em 1975 — Campeonato Europeu — Beigrado — Campeã

DADOS INTERESSANTES:

Média de idade	24 anos e 5 meses
Média de idade (quipe titular)	23 anos e 8 meses
Média de altura	1 metro 931 milímetros
Média de altura (equipe titular)	1 metro 940 milímetros
Média de peso	89,90 kg
Jogador mais alto-Ermilov e Savin (n.º 5 e 12)	2,00 m
Jogador mais baixo-Vlanov (n.º 11)	1,88 m
Jogador mais velho-Strarunskiy (n.º 9)	31 anos
Jogador mais jovem-Savin (n.º 12)	19 anos
Jogador mais pesado-Savin (n.º 12)	96 kg
Jogador mais leve-Moliboga	85 kg

JOGADAS TÍPICAS POSTAS EM EVIDÊNCIA:

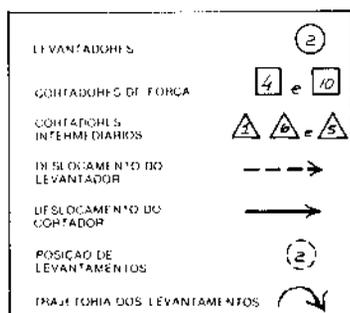


FIG. 8

ARMAÇÃO INICIAL

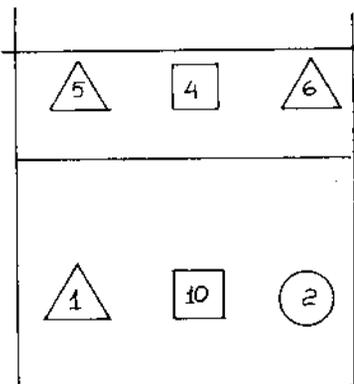


FIG. 8

Adotava um sistema 5x1 com o jogador n.º 2 (ZAITSEV) como levantador.

Os pontos salientes desta harmoniosa equipe eram, sem dúvida, o bloqueio, a recepção do saque e a altura do ponto de onde eram desferidos os seus ataques.

A excepcional condição física e elevada estatura permitiram a realização de um jogo simples, de levantamentos altos e poucas fintas.

COMBINAÇÕES OFENSIVAS E ARMAÇÕES PARA RECEPÇÃO DA SAQUE:

ARMAÇÃO INICIAL

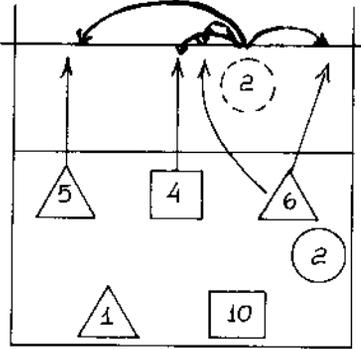


FIG. 9
O jogador n.º 6, ocupando a posição 2 (dois), correspondente à saída da rede, atacava uma bola baixa a frente do levantador enquanto que o jogador n.º 4, ocupando a posição três, correspondente ao centro da rede, atacava um levantamento curto e rasante, no centro da rede.

1.º RODÍZIO

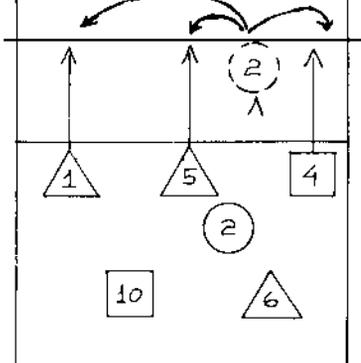


FIG. 10
Não apresentava nenhuma variação importante, uma vez que permaneceram junto à rede três cortadores, sendo um deles atacante principal (de força) jogador n.º 4.

A atuação do jogador n.º 2, levantador, limitava-se à jogada clássica, isto é deslocava-se por junto da rede, após a execução do saque e nessa posição, preparava o ataque, mediante o levantamento e, após a proteção desse ataque, retornava à posição de defensor.

2.º RODÍZIO

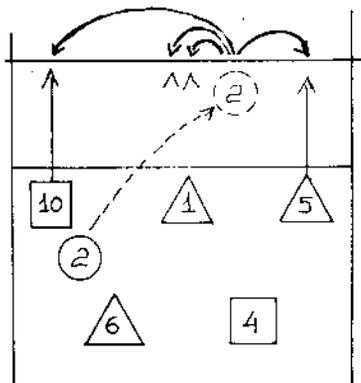


FIG. 11

Nesse rodízio, junto à rede, ainda permaneciam os três cortadores: jogadores n.º 5, 1 e 10, sendo este último (na entrada da rede) um dos atacantes principais.

O levantador, jogador n.º 2, na posição cinco, por imposição da regra, só podia deslocar-se após a execução do saque, e o fazia, com tamanha rapidez que nunca prejudicava as ações de defesa. Os atacantes realizavam com muita frequência a "dismico".

3.º RODÍZIO

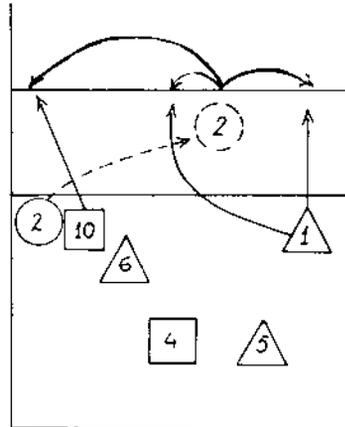


FIG. 12
Quando o levantador já se encontrava na rede, fazia uma falsa infiltração, o jogador da posição 2 (n.º 1), algumas vezes atacava uma bola baixa à frente do levantador.

4.º RODÍZIO

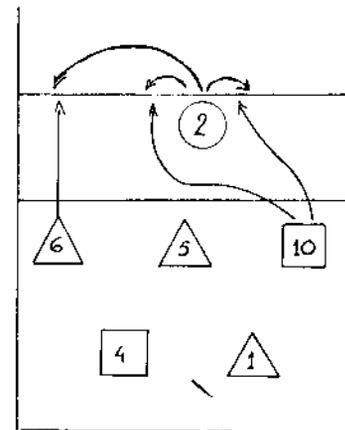


FIG. 13

O jogador n.º 10, na posição 2, atacava levantamentos baixos à frente e atrás do levantador. A armação para recepção do saque era com o levantador encostado à rede.

A formação nesse rodízio é bem vantajosa porque, automaticamente facilitaria o ataque que poderia ser desferido das duas extremidades da rede o que, conseqüentemente, dificultaria o bloqueio e a defesa de campo do adversário.

5.º RODÍZIO

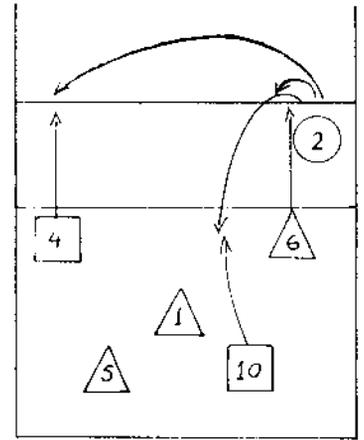


FIG. 14

Ainda com o levantador na rede (posição 2), o jogador n.º 6 (posição 3) atacava uma bola baixa à frente do levantador; repetidas vezes o jogador n.º 10 (que está na posição 1) de saque, atacava da zona de defesa.

RELAÇÃO DOS ATLETAS

Chesnokov, Yuriy	Técnico
Patkin, Vladimir	Auxiliar-técnico
Polishuk, Anatoliy	n.º 1
Zaitsev, Viacheslav	n.º 2
Chulak, Efim	n.º 3
Dorohov, Vladimir	n.º 4
Ermilov, Alecsandr	n.º 5
Selivanov, Pavel	n.º 6
Moliboga, Oleg	n.º 7
Kondra, Vladimir	n.º 8
Starunskiy, Yuriy	n.º 9
Chernyshov, Vladimir	n.º 10
Ulanov, Vladimir	n.º 11
Savin, Alecsandr	n.º 12

CUBA — 3.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADOS NA OLIMPIADA:

- 3 x 0 Canadá
- 3 x 0 Coreia
- 3 x 1 Tchecoslováquia
- 2 x 3 Polónia
- 0 x 3 União Soviética
- 3 x 0 Japão

A excepcional condição física dos seus integrantes foi, talvez, o ponto de maior destaque desta excelente equipe da América insular. Seguidores da escola russa, mesclavam, no entanto, jogadas em velocidade o que faz com que a equipe desenvolva um padrão moderno, fruto da simbiose da escola-força com a escola da velocidade.

RESULTADOS ANTERIORES:

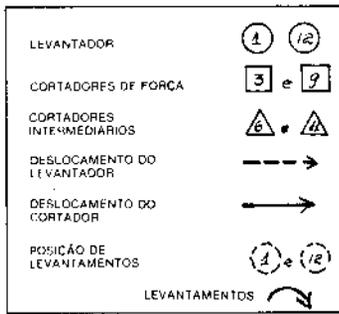
- Em 1974 — Campeonato Mundial — México — 8.º lugar
- Em 1975 — Campeonato Pan-Americano — México — Campeã

DADOS INTERESSANTES

Média de idade
 Média de idade (equipe titular)
 Média de altura
 Média de altura (equipe titular)
 Média de peso
 Média de peso (equipe titular)
 Jogador mais alto - Salas (n.º 5)
 Jogador mais baixo - Martinez (n.º 3)
 Jogador mais velho - Perez (n.º 12)
 Jogador mais jovem - Sarmientos (n.º 2)
 Jogador mais pesado - Savigive e Rodriguez (n.º 7 e 10)
 Jogador mais leve - Martinez (n.º 8)

23 anos e 9 meses
 24 anos e 3 meses
 1 metro e 84 centímetros
 1 metro e 82 centímetros
 84,30 kg
 83 kg
 1,92 m
 1,81 m
 29 anos
 20 anos
 90 kg
 78 kg

JOGADAS TÍPICAS POSTAS EM EVIDÊNCIA:



A FIG. C

ARMAÇÃO INICIAL:

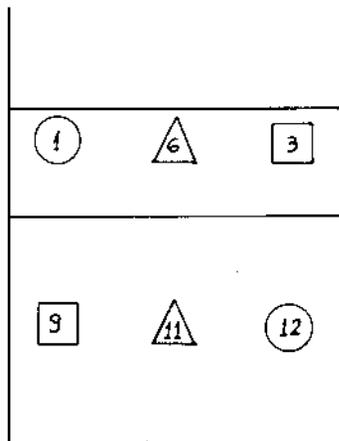


FIG. 15

Adotava um sistema combinado 6x6 com 4x2 apresentando os jogadores n.º 1 e 12, como preparadores (que também atacavam com eficiência) dispostos em diagonal.

COMBINAÇÕES OFENSIVAS E ARMAÇÕES PARA RECEPÇÃO DO SAQUE

ARMAÇÃO INICIAL:

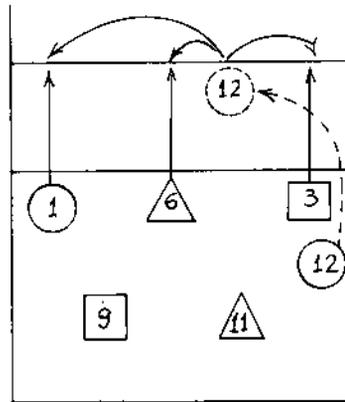


FIG. 16

Em princípio não havia variação de jogadas, isto é, ataques normais pelas extremidades e centro da rede.

E é oportuno observar que o sistema 6x6 é o mais completo e sofisticado de todos os sistemas porque exige jogadores que desempenhem, indistintamente, as funções básicas de cortador e levantador e somem outras habilidades imprescindíveis.

1.º RODÍZIO

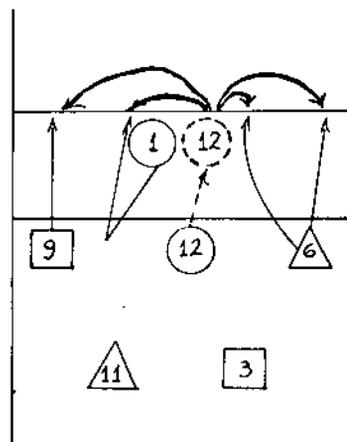


FIG. 17

O jogador da posição 2 (n.º 6), algumas vezes atacava uma bola baixa atrás do levantador.

2.º RODÍZIO

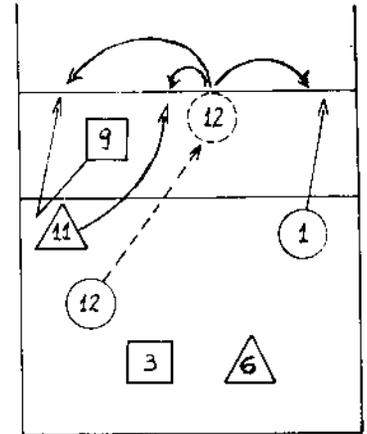


FIG. 18

O jogador n.º 11 (cortador intermediário) ia atacar no centro da rede um levantamento baixo, enquanto o n.º 9 (cortador de fora) atacava na entrada da rede (posição 4).

3.º RODÍZIO

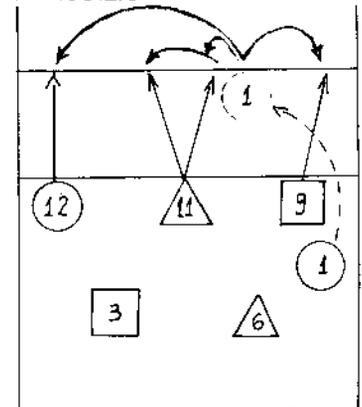


FIG. 19

A variação é que o jogador ataque centro n.º 11, ora atacava um levantamento baixo ora atacava um levantamento curto e rasante.

4.º RODÍZIO

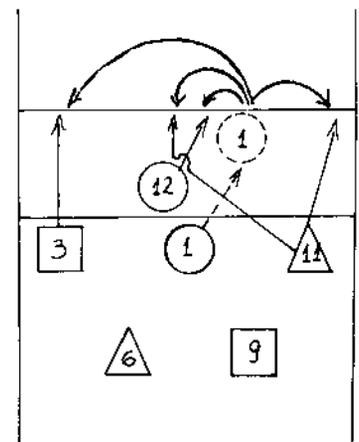


FIG. 20

Freqüentemente empregavam a "dimisco".

5.º RODÍZIO

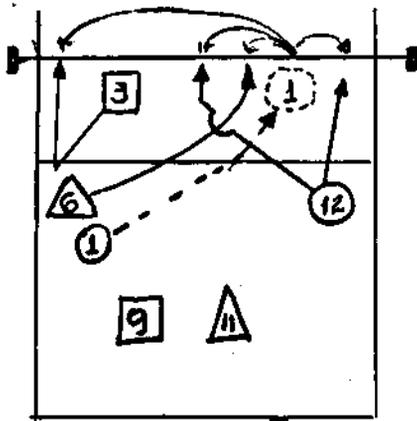


Fig. 21

Além de trocarem o jogador de força (n.º 3) para a entrada da rede e o intermediário (n.º 6) para o centro, efetuavam freqüentemente a "dismico".

RELAÇÃO DOS ATLETAS:

Herrera, Idolo	Técnico
Poyato, Nelson	Auxiliar-técnico
Marshall, Leonel	n.º 1
Sarmientos, Victor	n.º 2
Martinez, Ernesto	n.º 3
Garcia, Victor	n.º 4
Salas, Carlos	n.º 5
Virches, Raul	n.º 6
Savigne, Jesus	n.º 7
Martinez, Lorenzo	n.º 8
Lapera, Diego	n.º 9
Rodriguez, Antonio	n.º 10
Figueredo, Alfredo	n.º 11
Perez, Jorge	n.º 12

BRASIL — 7.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADO NA OLIMPIADA

- 3 x 1 — Egito
- 0 x 3 — União Soviética
- 0 x 3 — Japão
- 3 x 2 — Itália
- 2 x 3 — Coréia
- 3 x 0 — Itália

RESULTADO NOS JOGOS PREPARATÓRIOS (1976)

- 1 x 3 — Polônia (duas vezes)
- 3 x 1 — República Democrática da Alemanha — DDR
- 3 x 0 e 3 x 1 — Hungria
- 3 x 0 — Bélgica
- 3 x 1 — França
- 3 x 0 (três vezes) e 3 x 1 — Iugoslávia
- 3 x 0 (duas vezes) e 3 x 1 — Canadá

O Brasil desenvolveu um sistema 5x1, procurando sempre explorar ao máximo a característica do jogador brasileiro, a velocidade.

Esse sistema, pelas implicações próprias de sua estrutura (cinco cortadores e um levantador) é altamente técnico e

exige um grande entrosamento de seus jogadores para a sua perfeita execução.

Nas suas formações sucessivas ocorre a presença de três cortadores na rede e emprega comumente a infiltração de um jogador da defesa para efetuar a preparação do ataque. Isto acarreta o aumento de eficiência nas ações ofensivas, dificultando a ação do bloqueio adversário, impedindo, na maioria das vezes, a realização de um bloqueio coletivo (duplo ou triplo).

Quando não é feita a infiltração porque o levantador se encontra junto à rede,

comporta-se o sistema 5x1 como um sistema 4x2 com suas vantagens e inconvenientes.

Procuraremos mostrar em seguida como atuou o Brasil na Olimpíada. Antes porém:

RESULTADOS ANTERIORES:

- Em 1972 — Olimpíada de Munique — 8.º Lugar
- Em 1975 — Campeonato Pan-Americano — México — Vice-Campeão
- Em 1975 — Campeonato Sul-Americano — Assunção — Campeão

DADOS INTERESSANTES

Média de idade	21 anos e 6 meses
Média de idade (equipe titular)	24 anos e 5 meses
Média de altura	1 metro e 88 centímetros
Média de peso	82,9 kg
Média de peso (equipe titular)	86,6 kg
Jogador mais alto - Fernando (n.º 11)	1,98 m
Jogador mais baixo - José Roberto (n.º 8)	1,77 m
Jogador mais velho - Moreno (n.º 5)	28 anos
Jogador mais jovem - Bernard. (n.º 6)	19 anos
Jogador mais pesado - Paulão (n.º 12)	93 kg
Jogador mais leve - Eloi (n.º 4)	68 kg

JOGADORES MAIS UTILIZADOS DURANTE AS OLIMPIADAS

6 jogos: Moreno, Paulão, Bernard, Bebeto, William e J. Roberto.

PARTIDA MAIS LONGA

BRASIL — 3x2 — ITÁLIA
(1 hora e 57 minutos)

PARTIDA MAIS CURTA

BRASIL — 3x0 — ITÁLIA
(58 minutos)

JOGADAS TÍPICAS POSTAS EM EVIDÊNCIA

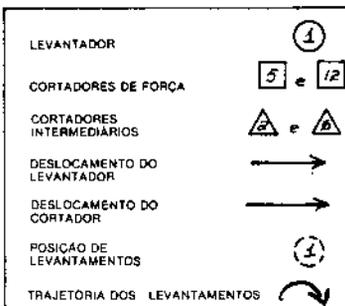


FIG. D

ARMAÇÃO INICIAL

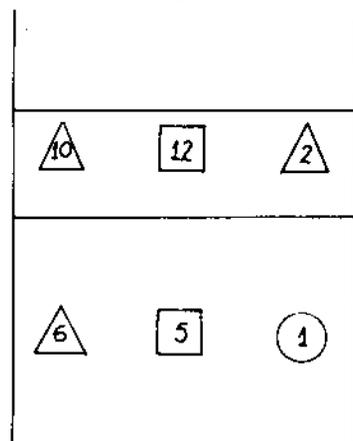


FIG. 22

Como foi dito anteriormente, desenvolvemos um sistema 5x1, procurando jogar em velocidade, tendo em Bebeto (n.º 1), o nosso levantador. Paulão (n.º 12) e Moreno (n.º 5) foram os nossos jogadores de força. Fernando (n.º 11), algumas vezes desempenhou o papel de homem-força e por vezes substituiu a Suíço (n.º 10) que, por contusão, não participou de todas as partidas. Danillas (n.º 2) e Bernard (n.º 6) foram os nossos jogadores intermediários; Kalache (n.º 8), algumas vezes substituiu os jogadores intermediários e outras vezes, substituiu a Suíço (n.º 10). J. Roberto (n.º 8) e William (n.º 7) foram utilizados principalmente para reforçar a defesa, sendo que William (n.º 7) substituiu algumas vezes a Bebeto (n.º 1), Alexandre (n.º 3) foi utilizado sempre na rede para reforçar o bloqueio e o ataque e Eloi (n.º 4) era mais uma opção de jogador intermediário.

COMBINAÇÕES OFENSIVAS E ARMAÇÕES PARA RECEPÇÃO DO SAQUE

FORMAÇÃO INICIAL

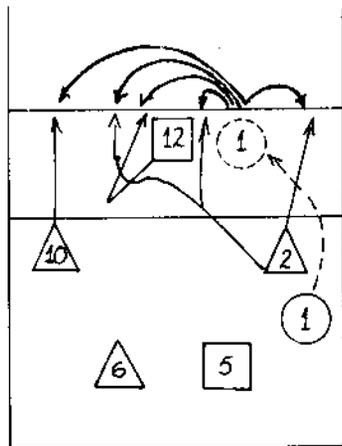


FIG. 23

Realizávamos a recepção do saque com 4 (quatro) jogadores, excluindo Paulão (n.º 12) que ficava encostado à rede.

Suíço (n.º 10) atacava ou da entrada da rede ou trocava com Paulão (n.º 12) e atacava no centro. As maiores variações ficavam com Danillas (n.º 2) que atacava da saída da rede, ou um levantamento baixo à frente do levantador ou, preferencialmente, realizava uma "dismico". Quando Suíço (n.º 10) foi substituído por um jogador mais rápido, este ia atacar no centro e Paulão (n.º 12) atacava da entrada da rede.

1.º RODÍZIO

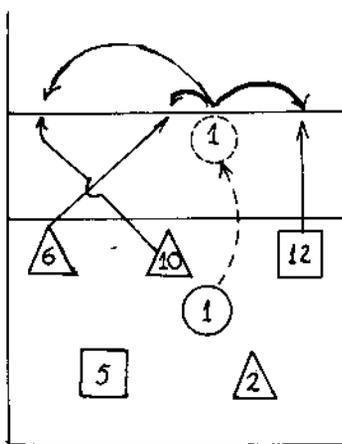


FIG. 24

Pelo fato de Bernard (n.º 6) se adaptar melhor aos levantamentos baixos no centro da rede e Suíço (n.º 10), ter um melhor rendimento nos levantamentos altos para as extremidades da rede, estes atletas trocavam o ponto de ataque, isto é, Bernard (n.º 6) no centro e Suíço (n.º 10) na entrada da rede.

2.º RODÍZIO

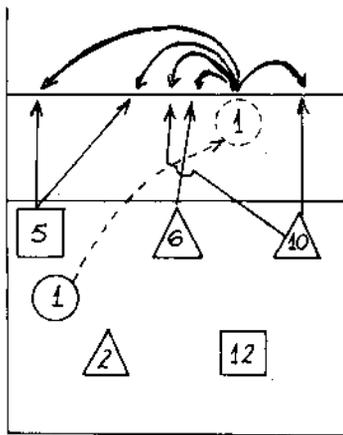


FIG. 25

Bernard (n.º 6) atacava um levantamento baixo à frente do levantador, a variação era a bola de "2 tempos". Moreno (n.º 5) atacava na entrada da rede um levantamento alto e tinha como variação uma "mico" ou "degrau", imediatamente ao lado de Bernard (n.º 6). Suíço (n.º 10) atacava uma "meia bola" na saída da rede e a sua variação era a "Dismico".

3.º RODÍZIO

Com a presença do levantador entre os atacantes passamos a contar somente com dois atacantes na rede. E como foi dito anteriormente tivemos que utilizar a falsa infiltração e variar ao máximo as nossas combinações, visando iludir ou surpreender o adversário. Assim, Bernard (n.º 6) atacava sempre um levantamento baixo e Moreno (n.º 5) ficava, como o homem de segurança. Algumas vezes desprezamos o princípio de jogador de segurança e envolvíamos também o n.º 5 Moreno na finta.

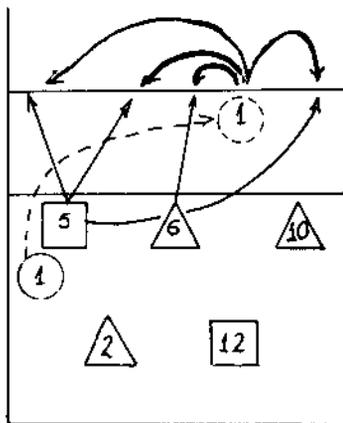


FIG. 26A

Bernard (n.º 6) atacava um levantamento baixo à frente do levantador e tinha como variação a bola de "2 tempos". Moreno (n.º 5) atacava um levantamento alto na entrada da rede e tinha como variações uma "mico" ou "degrau" e um levantamento alto na saída da rede.

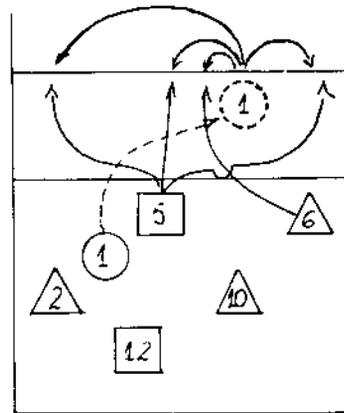


FIG. 26B

A adoção dessa armação visava apenas a confundir o adversário; as ações de Moreno (n.º 5) e Bernard (n.º 6) são as mesmas da formação anterior (Fig. 26a)

4.º RODÍZIO

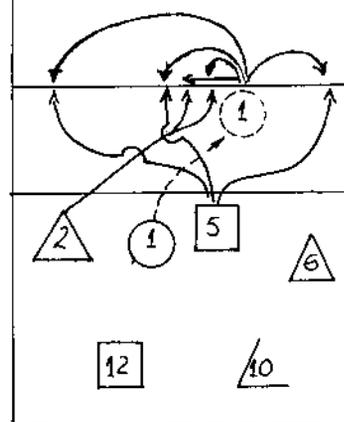


FIG. 27A

Danillas (n.º 2) recebia levantamentos baixos à frente do levantador e a sua variação era um levantamento curto e rasante, ainda no centro da rede.

Moreno (n.º 5) recebia levantamentos altos na entrada ou saída da rede e a sua variação era "mico" ou "degrau".

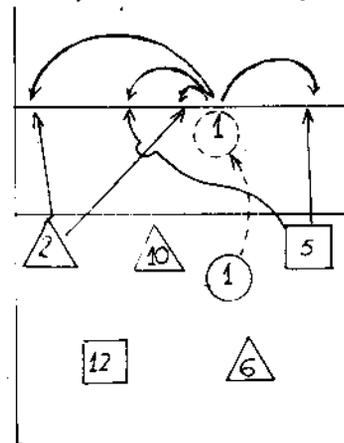


FIG. 27B

Realizávamos a falsa infiltração com o levantador Bebeto (n.º 1), entrando antes da realização do saque.

Danillas (n.º 2) atacava do centro ou da entrada da rede e Moreno (n.º 5) da saída da rede ou fazia a "dismico".

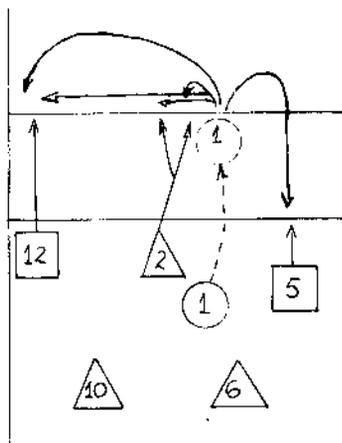


FIG. 28

Paulão (n.º 12) atacava um levantamento alto na entrada da rede; sua variação era um levantamento rasante na mesma posição. **Danillas (n.º 2)** atacava um levantamento baixo à frente do levantador no centro da rede e a sua variação era um levantamento curto e rasante ainda no centro da rede.

Como alternativa dispúnhamos ainda de um levantamento feito para trás na saída da rede e **Moreno (n.º 5)** por ser defensor, atacava de fora da zona de ataque

RELAÇÃO DOS ATLETAS

P. Souto, Carlos R.	Técnico
Sevcicuc, Paulo	Auxiliar-técnico
De Freitas, Paulo R.	n.º 1
Danillas, Sérgio	n.º 2
Abeid, Alex	n.º 3
L. de O. Neto, Elol	n.º 4
C. Moreno, Antonio	n.º 5
Rajzman, Bernard	n.º 6
C. da Silva, William	n.º 7
A. Kalache, Celso	n.º 8
L. Guimarães, José R.	n.º 9
L. Rosat, Jean	n.º 10
R. de Avila, Fernando	n.º 11
Petterle, Paulo R.	n.º 12
Paulo Sérgio O. Rocha	Preparador físico

JAPÃO — 4.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADO NA OLIMPIADA:

0 x 3 — União Soviética
3 x 0 — Brasil
3 x 0 — Itália
2 x 3 — Polônia
0 x 3 — Cuba

Os antigos Campeões Olímpicos apresentaram uma equipe aquém de sua fama e do seu prestígio. A ausência de jogadores de força realmente decisivos (por exemplo, Oko, contundido, quase não jogou) impediu que pudessem bisar o êxito de Munique (1972). A recepção do saque foi, surpreendentemente, uma das grandes vulnerabilidades dessa equipe que, para desenvolver o seu jogo de velocidade, necessitava obrigatoriamente da eficiência e da precisão de sua defesa.

RESULTADOS ANTERIORES

Em 1972 — Olimpíada de Munique — Campeã
Em 1974 — Campeonato Mundial — México — 3.º lugar
Em 1975 — Campeonato Asiático — Campeã

TCHECOSLOVÁQUIA — 5.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADO NA OLIMPIADA:

2 x 3 — Polônia
1 x 3 — Cuba
3 x 1 — Coréia do Sul
3 x 0 — Canadá
3 x 0 — Itália
3 x 1 — Coréia do Sul

Os representantes da tradicional escola voleibolística voltaram a apresentar as virtudes e as falhas habituais. O preparo físico parece ter sido uma das maiores vulnerabilidades dos comandados de Peter Kop e como virtude realçante, o refino técnico da equipe. Desenvolveram os tchecos um sistema combinado. Problemas, ao que parece disciplinares, determinaram o afastamento da equipe nos últimos jogos de um de seus principais jogadores, o preparador Stanco (n.º 6) e a sua substituição pelo n.º 9 Slambor.

Realizavam a recepção com 5 jogadores.

RESULTADOS ANTERIORES

Em 1974 — Campeonato Mundial — México — 5.º Lugar
Em 1976 — Torneio Pré-Olímpico Roma — Campeã

CORÉIA DO SUL — 6.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADOS NA OLIMPIADA:

2 x 3 — Polônia
1 x 3 — Tchecoslováquia
0 x 3 — Cuba
3 x 0 — Canadá
1 x 3 — Tchecoslováquia
3 x 2 — Brasil

um sistema 5x1, em jogo extremamente veloz, com muitas fintas e variadas combinações ofensivas. Representante da tradicional escola da velocidade, não possuía, no entanto, jogadores caracteristicamente de força, assim os seus jogadores Lee e Kang desempenhavam esse papel sem contudo possuírem as qualidades exigidas. Ai, certamente residiu a maior debilidade da equipe Coreana.

RESULTADOS ANTERIORES

1972 — Olimpíada de Munique — 7.º Lugar
1975 — Campeonato Asiático — Vice-Campeã

ITÁLIA — 8.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADOS NA OLIMPIADA:

0 x 3 — União Soviética
0 x 3 — Japão
2 x 3 — Brasil
0 x 3 — Tchecoslováquia
0 x 3 — Brasil

Desenvolveu um sistema 5x1, a sua equipe-base sofria constantemente modificações possivelmente em busca de uma armação que apresentasse um melhor rendimento. Não obteve vitória durante os jogos olímpicos. As suas vulnerabilidades na recepção do saque e no bloqueio se agravaram e o seu ataque, o ponto forte da equipe, não se houve bem. A constante troca de levantadores não permitiu a obtenção da necessária regularidade no trabalho de preparação das jogadas. A sua pretensão de desenvolver um jogo veloz esbarrava sempre num deficiente trabalho de recepção do saque; não dispunham de jogadores caracteristicamente de força.

RESULTADOS ANTERIORES

Em 1975 — Campeonato Europeu — 10.º lugar
Em 1976 — Torneio Pré-Olímpico — Roma — 2.º lugar

CANADÁ — 9.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADOS NA OLIMPIADA

0 x 3 — Polônia
0 x 3 — Tchecoslováquia
0 x 3 — Cuba
0 x 3 — Coréia do Sul

Os patrocinadores dos jogos olímpicos apresentaram uma boa equipe esquematizada em um sistema 5x1. Era a primeira vez que os canadenses participavam de uma Olimpíada com o seu Voleibol, apesar da intensa preparação não conseguiram, a exemplo do que aconteceu com a Itália, nenhuma vi-

tória. O seu treinador, o norte-americano William Neville procurou desenvolver um jogo veloz em sua equipe, mas a deficiente recepção do saque foi sempre um forte impedimento ao seu desiderato.

RESULTADOS ANTERIORES

Não tem ainda colocações de destaque em competições de alto nível e a sua participação na Olimpíada foi assegurada por ter sido o Canadá o país sede.

EGITO — 10.º Lugar — Olimpíada de Montreal

RESULTADO NA OLIMPIADA

1 x 3 — Brasil (Único jogo)

Os Campeões africanos tinham a sua equipe estruturada em um sistema combinado 6x6 com 4x2 e buscavam a realização de um jogo em velocidade.

A influência asiática se fazia sentir através da rígida disciplina, da mecânica do treinamento e da própria filosofia do jogo. Infelizmente, problemas políticos alijaram prematuramente essa boa equipe das Olimpíadas.

Desconhecida de todos, a equipe dirigida por Kim Yung Dim — Coreano, foi uma grata surpresa; apresentou-se apenas uma vez (contra o Brasil), perdendo, mas, mesmo assim deixou uma boa e promissora impressão.

RESULTADO ANTERIOR

1976 — Campeonato Africano — Campeão.

CONCLUSÕES

A Olimpíada de Montreal veio reafirmar que o Voleibol Moderno, como esporte competitivo, continua crescendo na sua complexidade sem contudo perder a sua característica básica, qual seja a de se projetar como um dos desportos de maior aceitação popular, em todo o mundo. Montreal mostrou, pelo entusiasmo da numerosa assistência, ser o voleibol um jogo alegre, recreativo, saudável e de grande penetração na juventude. A verdade é que o Voleibol tem, mui justamente, assegurado com destaque o seu lugar no maior e mais expressivo evento esportivo, premiado merecidamente o professor William G. Morgan, seu idealizador.

Nos dois setores, masculino e feminino, evidenciou-se uma consagração das equipes que buscavam estabelecer um equilíbrio entre as características das escolas européias e asiática. O jogo rápido dos asiáticos associado com o jogo de força dos europeus do leste, deu aos poloneses e às japonesas o supremo laurel esportivo, a medalha de ouro olímpica.

A equipe masculina da Polônia não foi tão brilhante como no México, em 1974, mas ficou também evidenciado que o equilíbrio emocional passou a ser o aspecto mais importante desse surpreendente quadro polonês. As jogadas em força eram mescladas com combinações extremamente velozes, o que permitia uma alternância de ritmo e de intensidade tão necessárias a um Voleibol de alto nível.

A equipe masculina russa, tida e havida como a grande favorita, não resistiu ao peso da responsabilidade; a juventude de seus jogadores pregou-lhes uma peça na partida final contra os poloneses, quando o despreparo psicológico se evidenciou e roubou-lhes o título máximo que, por justiça, de antemão, deveria pertencer-lhe.

A equipe cubana conquistou a medalha de bronze que não estava em seus planos e que chegou mesmo a surpreender aqueles que não estiveram presentes em Montreal; na verdade os cubanos fizeram por merecer esse honroso 3.º lugar, aproveitando-se das circunstâncias favoráveis para derrotar, de maneira insofismável, aos japoneses (ex-campeões olímpicos), por 3x0.

A equipe nacional do Brasil cumpriu uma **performance** dentro de suas possibilidades, três vitórias e três derrotas. Numa Competição do nível de uma Olimpíada, tais resultados atestam, de sobejo, a boa campanha desenvolvida. Sabemos que os progressos são lentos e que, como na natureza, não se consegue dar saltos; os cubanos, por exemplo, esperaram 14 (catorze) anos para surgir como força, no panorama internacional.

No setor feminino tivemos a confirmação do absoluto favoritismo das nipônicas que não perderam sequer um set, a exemplo do que já acontecerá no México em 1974. O jogo desenvolvido pelas filhas do sol nascente era, evidentemente, uma mescla de estilos; a introdução de duas jogadoras nitidamente de força, deu à equipe japonesa o equilíbrio desejável entre o ataque e a defesa.

À guisa de informação daremos a média de altura e de idade das três equipes detentoras de medalhas, na Olimpíada de Montreal.

JAPÃO UNIÃO SOVIÉTICA CORÉIA DO SUL

23 anos e 3 meses	1,75m
25 anos e 6 meses	1,74m
21 anos e 9 meses	1,70m

Finalmente, vimos que na evolução das ações técnicas e táticas, particularmente do setor masculino, perdura ainda aquele desequilíbrio entre o potencial defensivo e as possibilidades do ataque. A violência, a velocidade e a potência dos ataques continuam superando as ações de defesa. Nem o advento do bloqueio invadido (1964) conseguiu estabelecer o desejado equilíbrio e, assim, os jogos têm se tornado cada vez mais, justas de ataques.

A grande conclusão foi que a Olimpíada de Montreal teve, também, a virtude de possibilitar a antevisão do voleibol do futuro que, sem dúvida, será brilhante sob todos os aspectos, na sua evolução. As mudanças de regra já concedidas e ainda as pretendidas, por certo buscarão dificultar as ações de ataque e facilitar as ações de defesa de campo e bloqueio.

O Brasil, mantendo a hegemonia na América do Sul, terá assegurada, sem necessitar de concorrerá ao Torneio de Qualificação, sua presença na futura Olimpíada em Moscou, mas o principal é ter a consciência de que o alto nível já alcançado pelas equipes brasileiras constitui um compromisso moral para as gerações de hoje e futuras de aspirarem a resultados positivos e sempre melhores.